

SABERES TRADICIONAIS DAS COMUNIDADES DE MATRIZ AFRICANA E ESTUDOS ETNODIRIGIDOS: POTENCIALIDADES E DESAFIOS

Alex Sander Lopes da SILVA¹
M^a Luiza S. de CARVALHO²
Clícia M. J. BENEVIDES³

Resumo: Comunidades de matriz africana possuem saberes tradicionais quanto ao uso de plantas alimentícias não-convencionais (PANC) e plantas medicinais, o que as transformam em um importante foco para estudos etnobotânicos e etnofarmacológicos. Para que tais estudos possam ser plenamente desenvolvidos, é necessário conhecer o contexto social e as identidades culturais destas comunidades, sua inter-relação com as plantas (alimentícias e medicinais), sua linguagem e construção conceitual dos processos de saúde e doença. Estes últimos perpassam os âmbitos físico, mental e espiritual, de forma integradora, por vezes, se contrapondo ao paradigma de diferenciação entre nutrição e terapêutica associado ao pensamento ocidental moderno. Com este intuito, foi realizada uma revisão bibliográfica em diversos estudos que discorrem sobre os saberes tradicionais destas comunidades quanto às PANC e às plantas medicinais. Também procuramos investigar as potencialidades e os desafios no desenvolvimento de novos estudos etnofarmacobotânicos, na promoção, divulgação e preservação destes saberes (fruto das peculiaridades de suas identidades socioculturais e religiosas), assim como nas contribuições sociais que eles podem representar para estas comunidades.

Palavras-chave: plantas medicinais; PANC; etnofarmacobotânica.

INTRODUÇÃO

Comunidades tradicionais são uma importante fonte para a construção e a preservação da identidade cultural, bem como dos saberes que participam da dimensão imaterial do Patrimônio Cultural de um povo. Dentre estas comunidades, no Brasil, destacam-se as comunidades tradicionais de matriz africana e os povos de terreiro (BRASIL, 2018).

¹ Programa de Pós Graduação em Ciências Farmacêuticas, UNEB. Autor. Para correspondência: sanderlopes@gmail.com

² Programa de Pós Graduação em Biodiversidade e Evolução, UFBA.

³ Programa de Pós Graduação em Ciências Farmacêuticas, UNEB.

Um dos diversos aspectos dos saberes destas comunidades é o uso de plantas para fins alimentícios e medicinais (ARRUDA et al., 2019), onde, grande parte das vezes, não há distinção entre nutrição e terapêutica, pois ambas fazem parte de uma realidade integrada, na qual os aspectos mítico-religiosos, litúrgicos e de visão de mundo, se fundem. Deste modo, algumas plantas utilizadas para fins medicinais também são utilizadas para fins alimentícios e litúrgicos, bem como plantas utilizadas para fins alimentícios e religiosos podem estar envolvidas na terapêutica integralista. A promoção da saúde, nesta percepção holística, acontece em três dimensões, na maior parte das vezes, vistas de modo indissociável: mental, física e espiritual (BRASIL, 2018; PAZ et al., 2015; ARRUDA, 2019).

Neste contexto de ampla preservação de conhecimentos acerca das plantas, através da oralidade que permeia várias gerações, comunidades tradicionais de matriz africana apresentam enorme potencial para estudos etnodirigidos, tanto para a prospecção de fármacos (ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006; ARRUDA, 2019), quanto para a identificação e caracterização de plantas alimentícias não-convencionais (PANC) (BRASIL, 2018).

Todo este potencial de associação entre identidade cultural, ciências da saúde e ciências da terra, motivou uma revisão bibliográfica cujo objetivo é demonstrar que a etnofarmacologia e a etnobotânica, duas vertentes multidisciplinares, podem contribuir para promoção dos saberes tradicionais, auxiliando em sua preservação e no empoderamento das comunidades tradicionais, detentoras de tão importantes saberes, para a cultura e para o avanço científico.

MÉTODOS

Foi efetuado um levantamento bibliográfico em bancos de dados diversos (livros impressos e digitais, teses, dissertações e artigos científicos) disponíveis na internet ou indexados em bases eletrônicas como SciELO e PubMed, com recorte temporal de janeiro de 2000 a fevereiro de 2021, utilizando-se palavras-chave tais como “comunidades tradicionais”, “matriz africana”, “plantas medicinais”,

“etnofarmacobotânica” (ou “etnofarmacologia”, “etnobotânica”, separadamente) e suas combinações.

Para melhor entendimento da relação entre os saberes tradicionais e as identidades culturais das comunidades de matriz africana com as PANC e as plantas medicinais, propomos uma subdivisão de tópicos, nos quais abordaremos sobre as PANC, o uso de plantas para fins medicinais e a preservação ambiental, sempre associando-os às comunidades tradicionais de matriz africana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da revisão bibliográfica realizada em dezessete referências que pesquisaram o tema em estudo, realizamos a seguinte abordagem:

Plantas alimentícias não-convencionais

A alimentação é uma necessidade fisiológica básica, entretanto, também compõe um dos mais importantes meios de socialização humana. As festividades, de um modo geral, comumente são acompanhadas pelo consumo de alimentos e bebidas, demonstrando a importância vital do alimento no contexto sociocultural. Assim como determinados alimentos estão intrinsecamente associados à cultos religiosos ou à comemorações culturais dos diversos povos, como o consumo de peixe nos festejos da semana santa católica, ou do cordeiro na páscoa judaica, as festividades dos povos de terreiro em honra aos Orixás estão associadas a alimentos específicos. No complexo contexto das comunidades de matriz africana, os alimentos são tanto uma oferenda dos seres humanos às divindades, quanto uma fonte de “axé” dos Orixás para seus membros (BRASIL, 2018).

As plantas, muitas das quais utilizadas no preparo dos alimentos, têm uma grande influência no contexto sociocultural e religioso das comunidades de matriz africana, fazendo ainda parte dos domínios dos Orixás recebendo, de cada um deles, as energias e os efeitos curativos que essas divindades lhes atribuem (ARRUDA et al., 2019).

A cozinha ritualística, como ficou popularmente conhecida a preparação de alimentos para oferta às divindades e para consumo dos membros das comunidades num contexto religioso, possui um rico aspecto cultural, porém, não deixa de representar uma importante faceta nutricional e medicinal. A presença de diversos compostos bioativos, os quais fazem parte da composição fitoquímica dos metabólitos secundários vegetais, pode indicar que, além da contribuição nutricional para aporte energético (proteínas, fibras, lipídios, carboidratos), vitamínico e mineral, alguns destes alimentos podem contribuir para a manutenção da saúde e para prevenção de várias doenças (CAMARGO, 2014; BRASIL, 2018).

Para além dos possíveis aspectos medicinais, a relevante importância cultural destas práticas alimentares é motivo para projetos que envolvam sua preservação, com especial atenção às plantas alimentícias não-convencionais. Segundo o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), as PANC possuem relevância alimentar e cultural para as populações tradicionais, porém sua distribuição é restrita a determinadas regiões e não possuem uma cadeia produtiva altamente organizada, bem como não atingem um interesse comercial significativo por parte da indústria agropecuária (BRASIL, 2013). Como são plantas que não fazem parte de outros contextos alimentares e que não estão plenamente integradas na cadeia produtiva, o conhecimento de seu uso, modo de preparo e cultivo, dentre outros, pode ser facilmente esquecido (KINUPP, 2009).

Ressalta-se ainda, a perda sociocultural quando não há nenhuma cadeia produtiva para que as comunidades de matriz africana possam se abastecer de tais espécies (BRASIL, 2018). Segundo o Ministério dos Direitos Humanos (2018), a impossibilidade de se encontrar determinados alimentos é um problema real que muitas destas comunidades enfrentam nos dias atuais. Como, em seu contexto religioso e cultural, a substituição ou adaptação envolvem processos rigorosos e, não muitas vezes, permitidos, uma maior inclusão produtiva, a fim de atender as necessidades destas comunidades é uma ação importante, na qual a etnobotânica e as ciências agrárias podem intervir positivamente, principalmente no apoio a pequenos produtores rurais locais, associando identidade cultural ao desenvolvimento econômico (BRASIL, 2018).

Em seus primórdios, a etnobotânica centrou-se apenas na identificação botânica das plantas utilizadas por comunidades tradicionais, o que não deixa de ser um aspecto importante, pois plantas de famílias botânicas diferentes, com constituintes fitoquímicos completamente diversos podem ter o mesmo nome popular, a depender da região (VERDAN; SILVA, 2010; SALES et al., 2015) e isso poderia trazer complicações de saúde. Entretanto, atualmente há um grande interesse de diversas áreas além da etnofarmacobotânica, assim como várias práticas sociais, como o cultivo da terra e técnicas agrícolas, a preparação dos alimentos, dos medicamentos e cosméticos, que visam auxiliar na solução de problemas comunitários, com fins sociais e conservacionistas (SALES et al., 2015). A atual vertente de trabalho da etnobotânica, mais multidisciplinar, pode não apenas acrescentar elementos ao conhecimento acadêmico a partir dos saberes tradicionais (promovendo a correta identificação das espécies, levantamento de perfil fitoquímico, de composição nutricional, de atividade biológica e de dados de toxicidade), mas também, auxiliar as comunidades tradicionais em sua inter-relação com a flora, o meio ambiente e dificuldades produtivas.

Uso de plantas para fins medicinais

O avanço no conhecimento acadêmico quanto à bioatividade de metabólitos secundários vegetais, que vem ocorrendo desde o último século, fez com que aumentassem, exponencialmente, tanto os estudos etnobotânicos de identificação, quanto o número de estudos de composição fitoquímica e de atividade biológica das substâncias presentes nas diversas espécies vegetais (PAGNOCCA, 2017).

Estudos acerca do uso de plantas para fins medicinais pelas comunidades de matriz africana também se tornaram cada vez mais numerosos em diversas partes do Brasil (GOMES; BANDEIRA, 2012; BRAGA et al., 2017; PAGNOCCA 2017; ALVES et al., 2019; ARRUDA et al., 2019), tanto com enfoque etnobotânico, quanto com enfoque etnofarmacológico e, não raro, numa junção das duas vertentes disciplinares.

Gomes e Bandeira (2012), por exemplo, pesquisaram o uso de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina/BA, identificando 87 espécies de interesse científico, com indicações para o tratamento de diversas doenças,

enquanto que Braga e colaboradores (2017) encontraram quatro espécies para uso em doenças psiquiátricas em Fortaleza/CE. Por outro lado, Pagnocca (2017) identificou 86 espécies na Ilha de Santa Catarina/SC e Alves e colaboradores (2019) encontraram 53 espécies em um terreiro em Ituiutaba/MG.

O aumento expressivo no número de estudos etnodirigidos não é casual, uma vez que este tipo de estudo tem demonstrado resultados significativos, se mostrando quatro vezes mais eficiente quando comparado ao método de pesquisa aleatória e chegando a obter um elevado índice (74%) de correlação entre a atividade biológica relatada e resultados de ensaios *in vitro* em um estudo etnodirigido com comunidades indígenas (ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006).

As comunidades de matriz africana possuem uma peculiar relação com as plantas medicinais. Enquanto que, para algumas comunidades tradicionais, a finalidade puramente medicinal das plantas encerra todo o seu significado cultural, para os povos de terreiro as plantas são sagradas, contendo em si o “axé” ou força dos Orixás (CAMARGO, 2014; BRASIL, 2018, ARRUDA et al., 2019). Este apelo sacralizante, junto ao de preservação dos conhecimentos ancestrais, torna estas comunidades um polo preservador de ricos saberes tradicionais.

Sales e colaboradores (2015), enfatizam a necessidade de que pesquisadores que trabalham com estudos etnofarmacológicos compreendam os conceitos do sistema do qual se obtêm as informações, pois observações não contextualizadas são cientificamente inúteis. O principal propósito da etnofarmacologia é exatamente compreender as inter-relações entre comunidades tradicionais e o uso que as mesmas fazem das plantas medicinais. Entretanto, isto só será feito dentro dos sistemas de entendimento dos processos que envolvem saúde e doença destas comunidades (SALES et al., 2015).

Dentro deste contexto, julgamos que transportar um conhecimento de uma linguagem para outra sem uma boa compreensão das duas linguagens é uma tarefa extremamente difícil e propensa a diversos erros interpretativos. É necessária uma imersão sociocultural inicial que possibilite a compreensão das informações recebidas, a fim de que estes dados possam ser traduzidos para a linguagem científica. Desse modo, a compreensão dos aspectos socioculturais e de identidade cultural dos povos de matriz

africana é extremamente importante, não somente para pesquisadores em estudos etnodirigidos, mas para a formação cultural de cidadãos de um país onde estas comunidades constituem uma importante parte do recorte populacional, contribuindo sobremaneira para os aspectos socioculturais mais amplos, de identidade nacional.

Ainda baseado na compreensão e promoção das identidades culturais dos povos de matriz africana, Benite e colaboradores (2019) trabalharam saberes tradicionais no ensino da disciplina de Química, como as funções químicas presentes nas estruturas dos princípios ativos das plantas utilizadas em rituais religiosos de cura, as reações químicas metálicas com a mineração e o artífice de ferreiro na África, assim como características físicoquímicas do dendê em estudos de densidade e viscosidade, dentre outros tópicos. Os autores, ainda nesse trabalho, enfatizaram a importância de políticas que incluem a obrigatoriedade de estudos sobre a cultura afro-brasileira e africana em todos os níveis de ensino, buscando a reinserção destes povos como protagonistas no desenvolvimento sociocultural e tecnológico, tendo a etnofarmacobotânica como uma promissora aliada.

Diversas políticas públicas tem integrado saberes tradicionais acerca do uso de plantas com propriedades medicinais, a fim de promover sua utilização como estratégia terapêutica no Sistema Único de Saúde (SUS), dentre elas, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PICS) e a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) (FIGUEREDO et al., 2014; SALES et al., 2015).

O objetivo destas políticas públicas é dar maior visibilidade e incentivos para estudos e programas com intervenção social direta, a exemplo do programa “Farmácias Vivas” que visa promover o abastecimento de plantas medicinais e fitoterápicos no âmbito do SUS, inserindo a comunidade em todas as etapas do processo, desde estudos etnodirigidos a construção de hortas comunitárias para cultivo (FIGUEREDO et al., 2014).

As comunidades tradicionais de matriz africana, junto aos povos tradicionais indígenas, são os verdadeiros protagonistas neste processo, onde os saberes tradicionais são o alicerce para os estudos acadêmicos. Este intercâmbio entre comunidades tradicionais e academia pode estabelecer uma ponte entre tipos de saberes e conhecimentos que se retroalimentam e se ampliam.

Comunidades tradicionais e preservação ambiental

Dentro das religiões de matriz africana e de terreiros é comum a presença de cargos rituais de cuidado com as plantas sagradas (SANTIAGO; SANTOS, 2007; BRASIL, 2018). Apesar da variabilidade de designações e atribuições, é sempre mantido um caráter preservacionista, demonstrando a relação destas comunidades com a qualidade ambiental e a presença de áreas verdes em contextos marcados por elevada degradação ambiental, conforme observado no “Mapeamento dos Terreiros de Salvador” (SANTIAGO; SANTOS, 2007).

Conceição (2008), levando em consideração o aspecto ecologista das religiões afro-brasileiras, realizou uma análise do impacto ambiental causado pelo processo de urbanização nas áreas onde estão localizados os terreiros na cidade de Salvador/BA, discorrendo sobre a atual escassez de plantas relevantes para essas religiões e sobre o impacto de nosso modelo de urbanização na perda de espaços naturais sagrados, que precisam estar em bom estado para prestação de culto por estas comunidades, como matas, cachoeiras, rios e praias.

Sales (2015) ressalta que o acompanhamento do modo de se pensar o ambiente urbano de alguns grupos, pode apresentar soluções para a manutenção do meio ambiente de maneiras simples e organizada, citando os terreiros e as “roças” das comunidades tradicionais de matriz africana como exemplos neste manejo sustentável em áreas urbanas, o que pode melhorar a qualidade ambiental e a qualidade de vida dos habitantes locais.

Um estudo intervencionista em uma escola de Salvador/BA, cujo objetivo foi resgatar o cultivo de plantas medicinais e sagradas do bioma Mata Atlântica, como um processo pedagógico de educação ambiental, também discorreu sobre a importância das comunidades tradicionais de matriz africana no apoio ao projeto e aos movimentos ambientais de sua região (SALES, 2019).

A forte presença das comunidades tradicionais de matriz africana em projetos e estudos para fins de preservação ambiental e desenvolvimento sustentável, deixa claro que a sacralização, não só das plantas, mas da natureza em geral, é um aspecto de identidade cultural importante para estas comunidades e que tem sido uma aliada em

diversos projetos de intervenção para preservação ambiental (CONCEIÇÃO, 2008; SALES, 2015; SALES, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os saberes tradicionais das comunidades de matriz africana têm imensas possibilidades no que tange ao aprimoramento do conhecimento científico quanto ao uso de PANC e ao uso de plantas medicinais, bem como no desenvolvimento de ações que envolvam a construção de cadeias produtivas para estes campos, além de ações de preservação ambiental e desenvolvimento sustentável.

Para que tais potencialidades possam ser desenvolvidas e aprimoradas, é necessário que a importância destas comunidades e o conhecimento acerca de suas identidades culturais sejam difundidos e compreendidos, tanto pela sociedade em geral, quanto por pesquisadores envolvidos em estudos etnodirigidos e estudantes da educação básica.

Um dos grandes desafios apresentados é como promover maiores retornos a essas comunidades, haja vista sua grande contribuição ao desenvolvimento científico, para além da promoção da visibilidade de suas identidades culturais e a construção de cadeias produtivas que contemplem suas necessidades de acesso às PANC e plantas medicinais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, João Pessoa, vol.16, supl. p. 678-689, 2006.

ARRUDA, D. A. et al. Uso de plantas medicinais na Umbanda e Candomblé em associação cultural no município de Puxinanã, Paraíba, Brasil. **Revista Verde**, Pombal, vol.14, n.5, p. 692-696, 2019.

BENITE, A. M. C.; FAUSTINO, G. A. A.; SILVA, J. P.; BENITE, C. R. M. Dai-me Agô (licença) para falar de saberes tradicionais de matriz africana no ensino de Química. **Química Nova**, São Paulo, vol. 42, n. 5, p. 570-579, 2019.

BRAGA, A. P.; BARROS, A. R. C.; RODRIGUES, A. C. Cosmovisão africana das ervas que atuam em “males” psíquicos em Fortaleza/CE. *In* Simpósio de Pesquisas em Ciências Médicas, 3, 2017, Fortaleza. **Actas do** [...]. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas, UNIFOR. Disponível em: https://www.unifor.br/documents/392178/805154/simposiocienciasmedicas2017_artigo32.pdf/fdd15179-1524-6800-906d-8c35fafc924f . Acesso em: 02 abril 2021.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Manual de hortaliças não convencionais**. 2. ed. Brasília: MAPA/ACS, 2013.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Comunidades Tradicionais de Matriz Africana e Povos de terreiro: Segurança Alimentar, nutricional e Inclusão produtiva / elaboração de Taís Diniz Garone**– Documento eletrônico – Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018.

CAMARGO, M.T.L.A. **As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil**. São Paulo: Ícone, 2014.

CONCEIÇÃO, S. S. **O processo de urbanização como imperativo da reestruturação espacial e litúrgica das religiões de matriz africana**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação, Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

FIGUEREDO, C. A.; GURGEL, I. G. D.; JÚNIOR, G. D. G. A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos: construção, perspectivas e desafios. **Physis**, Rio de Janeiro, vol.24, n. 2, p. 381-400, 2014.

GOMES, T. B.; BANDEIRA, F. P. S. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. **Acta Botanica Brasilica**, Feira de Santana, vol. 26, n.4, p. 796-809, 2012.

KINUPP, V. **Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANCs): uma Riqueza Negligenciada**. Manaus: SBPC, 2009.

PAGNOCCA, T. S. **Uso de Plantas Terapêuticas em Religiões Afro-brasileiras na Ilha de Santa Catarina**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Biologia de Fungos, Algas e Plantas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SALES, A. S. A Importância das Religiões de Matriz Africana para Preservação do Meio Ambiente Urbano. **Inovação e Tecnologia**, Medianeira, vol. 01 n. 01, p. 9-15, 2010.

SALES, M. D. C.; SARTOR, E. B.; GENTILLI, R. M. L. Etnobotânica e etnofarmacologia: medicina tradicional e bioprospecção de fitoterápicos. **Salus Journal Health Science**, vol. 01, n. 01, p. 17-26, 2015.

SALES, A. D. S. **Educação ambiental:** plantas medicinais e sagradas na ruralidade metropolitana em Salvador-BA. Dissertação (Mestrado em Planejamento Ambiental) - Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2019.

SANTIAGO, G.; SANTOS, J.T. “Uma Ação de Valorização das Religiões de Matrizes Africanas”. *In* Mapeamento dos Terreiros de Salvador. SEMUR/CEAO, 2007. Disponível em: <http://www.terreiros.ceao.ufba.br>. Acesso em: 02 abr. 2021.

VERDAM, M. C. S.; SILVA, C. B. O estudo de plantas medicinais e a correta identificação botânica. **Visão Acadêmica**, Curitiba, v.11, n.01, p.07-13, 2010.